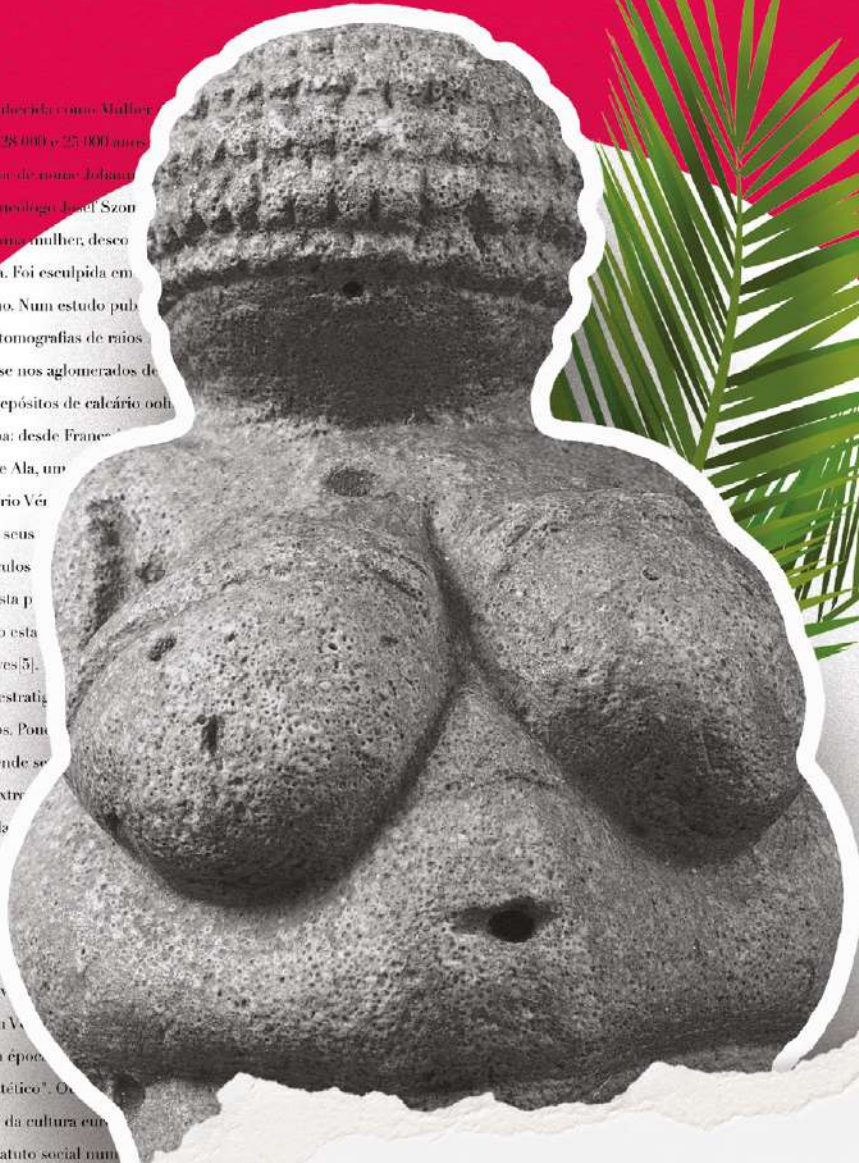


LINGUAGENS

COM

**FERNANDA
PESSOA**

A Vênus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulher Vênus, é estimada como esculpida entre 38 000 e 25 000 anos. Foi descoberta em 7 de Agosto de 1908 por um trabalhador de nome Johann Kovacic que trabalhava na equipa do arqueólogo Josef Svonicek numa caverna situada perto de Willendorf, na Áustria. Foi esculpida em uma pedra calcária e colorida com ocre vermelho. Num estudo publicado em 2010, investigadores examinaram através de tomografias de raios X as partes internas da estátua. Focaram-se nos aglomerados de calcário e compararam-nos com aglomerados de depósitos de calcário encontrados em vários locais da Europa: desde França até ao Reino Unido. No estudo, amostras de calcário de Saga de Ala, um local no norte da Itália, "virtualmente indistinguíveis" do calcário Vênus, foram analisadas. A matéria-prima vir do sul dos Alpes. Os seus fósseis incluem Vênus contendo fragmentos de minúsculos moluscos pertencendo ao género *Oxytomidae*. Esta espécie viveu há 20 mil anos, quando o género agora extinto esta espécie continha igualmente fragmentos bivalves[5]. Em 1990, após uma revisão da análise estratigráfica, estimou-se que a Vênus foi esculpida há 22 000 ou 24 000 anos. Porém, o seu significado cultural. A Vênus não pretende ser uma representação feminina. A vulva, seios e barriga são extremamente exagerados. A relação forte com o conceito da fertilidade é evidente. Os seios dobram-se sobre os seios e não têm um cabelo. A cabeça é arredondada e não tem de tranças, um tipo de penteado ou não. O apelido com que ficou conhecida é "Mulher Vênus". Os investigadores conseguem ver nesta figura com características femininas. Christopher Witcombe, professor na Swarthmore College, fez uma identificação irónica destas figuras com Vênus. "A Vênus é uma das correntes, na época, sobre o que era na época. A Vênus é uma imagem sobre as mulheres e sobre o sentido estético". O estudo da Vênus como a deusa Mãe-Terra (Grande Mãe) da cultura europeia. A Vênus representa um elevado estatuto social numa cultura. A Vênus, a fertilidade, a imagem podia ser também uma imagem de uma mulher.



**COMPETÊNCIA DE ÁREA 6
E HABILIDADES DA PROVA
DE LINGUAGENS**
EXERCÍCIOS



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

 Exercícios
1. (ENEM 2017)

Essas moças tinham o vezo de afirmar o contrário do que desejavam. Notei a singularidade quando principiaram a elogiar o meu paletó cor de macaco. Examinavam-no sérias, achavam o pano e os aviamentos de qualidade superior; o feitiço admirável. Envaideci-me: nunca havia reparado em tais vantagens. Mas os gabos se prolongaram, trouxeram-me desconfiança. Percebi afinal que elas zombavam e não me susceptibilizei. Longe disso: achei curiosa aquela maneira de falar pelo avesso, diferente das grosserias a que me habituara. Em geral me diziam com franqueza que a roupa não me assentava no corpo, sobrava nos sovacos.

RAMOS, G. Infância. Rio de Janeiro: Record, 1994.

Por meio de recursos linguísticos, os textos mobilizam estratégias para introduzir e retomar ideias, promovendo a progressão do tema. No fragmento transcrito, um novo aspecto do tema é introduzido pela expressão

- “a singularidade”.
- “tais vantagens”.
- “os gabos”.
- “Longe disso”.
- “Em geral”.

2. (ENEM 2018)

Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal – e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó.

RAMOS, G. Infância. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Num texto narrativo, a sequência dos fatos contribui para a progressão temática. No fragmento, esse processo é indicado pela

- alternância das pessoas do discurso que determinam o foco narrativo.
- utilização de formas verbais que marcam tempos narrativos variados.
- indeterminação dos sujeitos de ações que caracterizam os eventos narrados.
- justaposição de frases que relacionam semanticamente os acontecimentos narrados.
- recorrência de expressões adverbiais que organizam temporalmente a narrativa.

3. (ENEM 2019)**A ciência do Homem-Aranha**

Muitos dos superpoderes do querido Homem-Aranha de fato se assemelham às habilidades biológicas das aranhas e são objeto de estudo para produção de novos materiais.

O “sentido-aranha” adquirido por Peter Parker funciona quase como um sexto sentido, uma espécie de habilidade premonitória e, por isso, soa como um mero elemento ficcional. No entanto, as aranhas realmente têm um sentido mais aguçado. Na verdade, elas têm um dos sistemas sensoriais mais impressionantes da natureza.

Os pelos sensoriais das aranhas, que estão espalhados por todo o corpo, funcionam como uma forma muito boa de perceber o mundo e captar informações do ambiente. Em muitas espécies, esse tato por meio dos pelos tem papel mais importante que a própria visão, uma vez que muitas aranhas conseguem prender e atacar suas presas na completa escuridão. E por que os pelos humanos não são tão eficientes como órgãos sensoriais como os das aranhas? Primeiro, porque um ser humano tem em média 60 fios de pelo em cada cm² do corpo, enquanto algumas espécies de aranha podem chegar a ter 40 mil pelos por cm²; segundo, porque cada pelo das aranhas possui até 3 nervos para fazer a comunicação entre a sensação percebida e o cérebro, enquanto nós, seres humanos, temos apenas 1 nervo por pelo.

Disponível em: <http://cienciahoje.org.br>. Acesso em: 11 dez. 2018

(adaptado).

Como estratégia de progressão do texto, o autor simula uma interlocução com o público leitor ao recorrer à

- revelação do “sentido-aranha” adquirido pelo super-herói como um sexto sentido.
- caracterização do afeto do público pelo super-herói marcado pela palavra “querido”.
- comparação entre os poderes do super-herói e as habilidades biológicas das aranhas.
- pergunta retórica na introdução das causas da eficiência do sistema sensorial das aranhas.
- comprovação das diferenças entre a constituição física do homem e da aranha por meio de dados numéricos.

4. (ENEM 2016)

Quem procura a essência de um conto no espaço que fica entre a obra e seu autor comete um erro: é muito melhor procurar não no terreno que fica entre o escritor e sua obra, mas justamente no terreno que fica entre o texto e seu leitor.

OZ, A. De amor e trevas. São Paulo: Cia. das Letras, 2005 (fragmento).

A progressão temática de um texto pode ser estruturada por meio de diferentes recursos coesivos, entre os quais se destaca a pontuação. Nesse texto, o emprego dos dois pontos caracteriza uma operação textual realizada com a finalidade de

- comparar elementos opostos.
- relacionar informações gradativas.
- intensificar um problema conceitual.
- introduzir um argumento esclarecedor.
- assinalar uma consequência hipotética.

5. (ENEM 2016) L.J.C.

__ 5 tiros?

__ É.

- Brincando de pegador?
- É. O PM pensou que...
- Hoje?
- Cedinho.

COELHO, M. In: FREIRE, M. (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Os sinais de pontuação são elementos com importantes funções para a progressão temática. Nesse miniconto, as reticências foram utilizadas para indicar

- a) uma fala hesitante.
- b) uma informação implícita.
- c) uma situação incoerente.
- d) a eliminação de uma ideia.
- e) a interrupção de uma ação.

6. (ENEM 2014)

O exercício da crônica

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

MORAES, V. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui

- a) nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.
- b) nos elementos que servem de inspiração ao cronista.
- c) nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.
- d) no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.
- e) nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

7. (ENEM 2015)

14 coisas que você não deve jogar na privada

Nem no ralo. Elas poluem rios, lagos e mares, o que contamina o ambiente e os animais. Também deixa mais difícil obter a água que nós mesmos usaremos. Alguns produtos podem causar entupimentos:

- cotonete e fio dental;
- medicamento e preservativo;
- óleo de cozinha;
- ponta de cigarro;
- poeira de varrição de casa;
- fio de cabelo e pelo de animais;

- tinta que não seja à base de água;
- querosene, gasolina, solvente, tiner.

Jogue esses produtos no lixo comum. Alguns deles, como óleo de cozinha, medicamento e tinta, podem ser levados a pontos de coleta especiais, que darão a destinação final adequada.

MORGADO, M.; EMASA. *Manual de etiqueta*. Planeta Sustentável, jul.-ago. 2013 (adaptado).

O texto tem objetivo educativo. Nesse sentido, além do foco no interlocutor, que caracteriza a função conativa da linguagem, predomina também nele a função referencial, que busca

- a) despertar no leitor sentimentos de amor pela natureza, induzindo-o a ter atitudes responsáveis que beneficiarão a sustentabilidade do planeta.
- b) informar o leitor sobre as consequências da destinação inadequada do lixo, orientando-o sobre como fazer o correto descarte de alguns dejetos.
- c) transmitir uma mensagem de caráter subjetivo, mostrando exemplos de atitudes sustentáveis do autor do texto em relação ao planeta.
- d) estabelecer uma comunicação com o leitor, procurando certificar-se de que a mensagem sobre ações de sustentabilidade está sendo compreendida.
- e) explorar o uso da linguagem, conceituando detalhadamente os termos utilizados de forma a proporcionar melhor compreensão do texto.

8. (ENEM 2016)

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista.

(LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993)

Nesse texto, a autora apresenta reflexões sobre o processo de produção de sentidos, valendo-se da metalinguagem. Essa função da linguagem torna-se evidente pelo fato de o texto

- a) ressaltar a importância da intertextualidade.
- b) propor leituras diferentes das previsíveis.
- c) apresentar o ponto de vista da autora.
- d) discorrer sobre o ato da leitura.
- e) focar a participação do leitor.

Anotações

9. (ENEM 2013)

Quadrinho quadrado



XAVIER, C. Disponível em: www.releituras.com. Acesso em: 24 abr. 2010.

Os objetivos que motivam os seres humanos a estabelecer comunicação determinam, em uma situação de interlocução, o predomínio de uma ou de outra função de linguagem. Nesse texto, predomina a função que se caracteriza por

- tentar persuadir o leitor acerca da necessidade de se tomarem certas medidas para a elaboração de um livro.
- ênfatar a percepção subjetiva do autor, que projeta para sua obra seus sonhos e histórias.
- apontar para o estabelecimento de interlocução de modo superficial e automático, entre o leitor e o livro.
- fazer um exercício de reflexão a respeito dos princípios que estruturam a forma e o conteúdo de um livro.
- retratar as etapas do processo de produção de um livro, as quais antecedem o contato entre leitor e obra.

10. (ENEM 2017)

As atrizes
Naturalmente
Ela sorria
Mas não me dava trela

Na minha frente
E ia bailar sem mais aquela

Debaixo do meu nariz

Em novos pares
Com um pé atrás
Com um pé a fim

outras

Trocava a roupa

Escolhia qualquer um
Lançava olhares

Dançava colada

Surgiram

Naturalmente

Sem nem olhar a minha cara

Tomavam banho

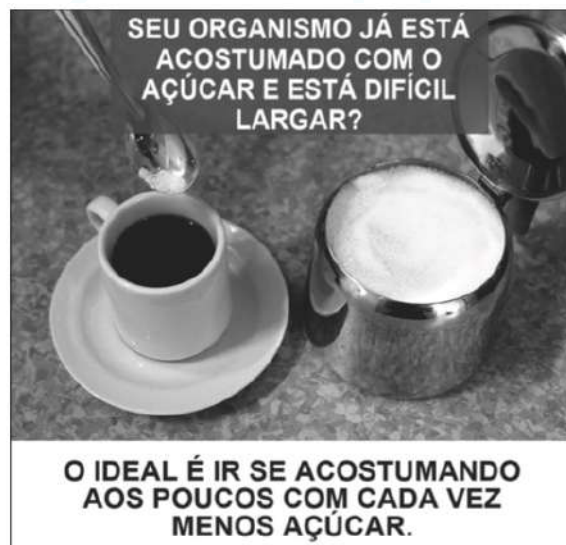
Na minha frente
Para sair com outro cara
Porém nunca me importei
Com tais amantes
[...]
Com tantos filmes
Na minha mente
É natural que toda atriz Presentemente represente Muito para mim

CHICO BUARQUE. Carioca. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006 (fragmento).

Na canção, Chico Buarque trabalha uma determinada função da linguagem para marcar a subjetividade do eu lírico ante as atrizes que ele admira. A intensidade dessa admiração está marcada em:

- “Naturalmente/ Ela sorria/ Mas não me dava trela”. B “Tomavam banho/ Na minha frente/ Para sair com outro cara”.
- “Surgiram outras/ Naturalmente/ Sem nem olhar a minha cara”.
- “Escolhia qualquer um/ Lançava olhares/ Debaixo do meu nariz”.
- «É natural que toda atriz/ Presentemente represente/ Muito para mim».

11. (ENEM 2018)



Disponível em: www.facebook.com/minsaude. Acesso em: 14 fev. 2018 (adaptado).

A utilização de determinadas variedades linguísticas em campanhas educativas tem a função de atingir o público-alvo de forma mais direta e eficaz. No caso desse texto, identifica-se essa estratégia pelo(a)

- discurso formal da língua portuguesa.
- registro padrão próprio da língua escrita.
- seleção lexical restrita à esfera da medicina.
- fidelidade ao jargão da linguagem publicitária.
- uso de marcas linguísticas típicas da oralidade.

12. (ENEM 2018)

Deficientes visuais já podem ir a algumas salas de cinema e teatros para curtir, em maior intensidade, as atrações em cartaz. Quem ajuda na tarefa é o aplicativo Whatscine, recém-chegado ao Brasil e disponível para os sistemas operacionais iOS (Apple) ou Android (Google). Ao ser conectado à rede wi-fi de cinemas e teatros, o app sincroniza um áudio que descreve o que ocorre na tela ou no palco com o espetáculo em andamento: o usuário, então, pode ouvir a narração em seu celular.

O programa foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade Carlos III, em Madri. “Na Espanha, 200 salas de cinema já oferecem o recurso e filmes de grandes estúdios já são exibidos com o recurso do Whatscine!”, diz o brasileiro Luis Mauch, que trouxe a tecnologia para o país. “No Brasil, já fechamos parceria com a São Paulo Companhia de Dança para adaptar os espetáculos deles! Isso já é um avanço. Concorda?”

Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em: 25 jun. 2014 (adaptado).

Por ser múltipla e apresentar peculiaridades de acordo com a intenção do emissor, a linguagem apresenta funções diferentes. Nesse fragmento, predomina a função referencial da linguagem, porque há a presença de elementos que

- buscam convencer o leitor, incitando o uso do aplicativo.
- definem o aplicativo, revelando o ponto de vista da autora.
- evidenciam a subjetividade, explorando a entonação emotiva.
- expõem dados sobre o aplicativo, usando linguagem denotativa.
- objetivam manter um diálogo com o leitor, recorrendo a uma indagação.

13. (ENEM 2018)

A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo

Resumo: Este artigo tem por finalidade discutir a representação da população negra, especialmente da mulher negra, em imagens de produtos de beleza presentes em comércios do nordeste goiano. Evidencia-se que a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira. A análise do material imagético aponta a desvalorização estética do negro, especialmente da mulher negra, e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados por meio do uso dos produtos apresentados. O discurso midiático-publicitário dos produtos de beleza rememora e legitima a prática de uma ética racista construída e atuante no cotidiano. Frente a essa discussão, sugere-se que o trabalho antirracismo, feito nos diversos espaços sociais, considere o uso de estratégias para uma “descolonização estética” que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade.

Palavras-chave: Estética, racismo, mídia, educação, diversidade.

SANTANA, J. A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo. Dossiê: trabalho e educação básica. Margens Interdisciplinar. Versão digital. Abaetetuba, n.16, jun. 2017 (adaptado).

O cumprimento da função referencial da linguagem é uma marca característica do gênero resumo de artigo acadêmico.

Na estrutura desse texto, essa função é estabelecida pela a) impessoalidade, na organização da objetividade das informações, como em “Este artigo tem por finalidade” e “Evidencia-se”.

b) seleção lexical, no desenvolvimento sequencial do texto, como em “imaginário racista” e “estética do negro”.

c) metaforização, relativa à construção dos sentidos figurados, como nas expressões “descolonização estética” e “discurso midiático-publicitário”.

d) nominalização, produzida por meio de processos derivacionais na formação de palavras, como “inferiorização” e “desvalorização”.

e) adjetivação, organizada para criar uma terminologia antirracista, como em “ética da diversidade” e “descolonização estética”.

14. (ENEM 2019)

Meu caro Sherlock Holmes, algo horrível aconteceu às três da manhã no Jardim Lauriston. Nosso homem que estava na vigia viu uma luz às duas da manhã saindo de uma casa vazia. Quando se aproximou, encontrou a porta aberta e, na sala da frente, o corpo de um cavaleiro bem vestido. Os cartões que estavam em seu bolso tinham o nome de Enoch J. Drebbler, Cleveland, Ohio, EUA. Não houve assalto e nosso homem não conseguiu encontrar algo que indicasse como ele morreu. Não havia marcas de sangue, nem feridas nele. Não sabemos como ele entrou na casa vazia. Na verdade, todo assunto é um quebra-cabeça sem fim. Se puder vir até a casa seria ótimo, se não, eu lhe conto os detalhes e gostaria muito de saber sua opinião. Atenciosamente, Tobias Gregson.

DOYLE, A. C. Um estudo em vermelho. Cotia: Pé de Letra, 2017.

Considerando o objetivo da carta de Tobias Gregson, a sequência de enunciados negativos presente nesse texto tem a função de

- restringir a investigação, deixando-a sob a responsabilidade do autor da carta.
- refutar possíveis causas da morte do cavaleiro, auxiliando na investigação.
- identificar o local da cena do crime, localizando-o no Jardim Lauriston.
- introduzir o destinatário da carta, caracterizando sua personalidade.
- apresentar o vigia, incluindo-o entre os suspeitos do assassinato.

15. (ENEM 2019)

O Instituto de Arte de Chicago disponibilizou para visualização on-line, compartilhamento ou download (sob licença Creative Commons), 44 mil imagens de obras

de arte em altíssima resolução, além de livros, estudos e pesquisas sobre a história da arte.

Para o historiador da arte, Bendor Grosvenor, o sucesso das coleções on-line de acesso aberto, além de democratizar a arte, vem ajudando a formar um novo público museológico. Grosvenor acredita que quanto mais pessoas forem expostas à arte on-line, mais visitas pessoais acontecerão aos museus.

A coleção está disponível em seis categorias: paisagens urbanas, impressionismo, essenciais, arte africana, moda e animais. Também é possível pesquisar pelo nome da obra, estilo, autor ou período. Para navegar pela imagem em alta definição, basta clicar sobre ela e utilizar a ferramenta de zoom. Para fazer o download, disponível para obras de domínio público, é preciso utilizar a seta localizada do lado inferior direito da imagem.

Disponível em: www.revistabula.com. Acesso em: 5 dez. 2018 (adaptado).

A função da linguagem que predomina nesse texto se caracteriza por

- evidenciar a subjetividade da reportagem com base na fala do historiador de arte.
- convencer o leitor a fazer o acesso on-line, levando-o a conhecer as obras de arte.
- informar sobre o acesso às imagens por meio da descrição do modo como acessá-las.
- estabelecer interlocução com o leitor, orientando-o a fazer o download das obras de arte.
- enaltecer a arte, buscando popularizá-la por meio da possibilidade de visualização on-line.

16. (ENEM 2020)

Vou-me embora p'ra Pasárgada foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego. [...] Esse nome de Pasárgada, que significa “campo dos persas” ou “tesouro dos persas”, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias, como o de *L'invitation au Voyage*, de Baudelaire. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito em minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente este grito estapafúrdio: “Vou-me embora p'ra Pasárgada!” Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo, mas fracassei. Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da “vida besta”. Desta vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse pronto dentro de mim. Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; [...] Não sou arquiteto, como meu pai desejava, não fiz nenhuma casa, mas reconstruí e “não de uma forma imperfeita neste mundo de aparências”, uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro, e sim a “minha” Pasárgada.

BANDEIRA, M. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.

Os processos de interação comunicativa preveem a presença ativa de múltiplos elementos da comunicação, entre os quais se destacam as funções da linguagem. Nesse fragmento, a função da linguagem predominante é a

- emotiva, porque o poeta expõe os sentimentos de angústia que o levaram à criação poética.
- referencial, porque o texto informa sobre a origem do nome empregado em um famoso poema de Bandeira.
- metalinguística, porque o poeta tece comentários sobre a gênese e o processo de escrita de um de seus poemas.
- poética, porque o texto aborda os elementos estéticos de um dos poemas mais conhecidos de Bandeira.
- apelativa, porque o poeta tenta convencer os leitores sobre sua dificuldade de compor um poema.

17. (ENEM 2022)

Assentamento
Zanza daqui
Zanza pra acolá
Fim de feira, periferia afora
A cidade não mora mais em mim Francisco, Serafim
Vamos embora
Ver o capim
Ver o baobá
Vamos ver a campina quando flora
A piracema, rios contravim
Binho, Bel, Bia, Quim
Vamos embora
Quando eu morrer
Cansado de guerra
Morro de bem
Com a minha terra:
Cana, caqui
Inhame, abóbora
Onde só vento se semeava outrora
Amplidão, nação, sertão sem fim
Ó Manuel, Miguilim
Vamos embora

BUARQUE, C. *As cidades*. Rio de Janeiro: RCA, 1998 (fragmento).

Nesse texto, predomina a função poética da linguagem. Entretanto, a função emotiva pode ser identificada no verso:

- “Zanza pra acolá”.
- “Fim de feira, periferia afora”.
- “A cidade não mora mais em mim”.
- “Onde só vento se semeava outrora”.
- “Ó Manuel, Miguilim”.

18. (ENEM 2022)

MANUAL DE ORIENTAÇÃO

O primeiro guia prático da Sociedade Brasileira de Pediatria para ajudar pais e pediatras no desafio de educar nativos digitais

TRABALHO DE BASE



Até 2 anos - A criança não deve ser exposta passivamente às telas — TV, tablet, celular etc. —, principalmente durante as refeições e até 2 horas antes de dormir.



De 2 a 5 anos - O tempo de exposição às telas deve ser limitado a 1 hora por dia. Crianças dessa faixa etária devem ser mais protegidas da violência virtual, pois não sabem separar fantasia de realidade.



Até 10 anos - Devem ter acesso controlado a computadores e dispositivos móveis. Crianças de até 10 anos não devem usar TV ou computador no próprio quarto.

Disponível em: <https://tab.uol.com.br>. Acesso em: 25 ago. 2017 (adaptado).

O texto sobre os chamados nativos digitais traz informações com a função de

- propor ações específicas para cada etapa da infância.
- estabelecer regras que devem ser seguidas à risca.
- explicar os efeitos do acesso precoce à internet.
- determinar a incorporação de rituais à educação dos filhos.
- educar com base em um conjunto de estratégias formativas.

19. (ENEM 2018)

“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis

Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade

“Nhaí, amapô! Não faça a loka e pague meu acué, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acué’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o Aurélia, a dicionária da língua afiada, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: www.midiamax.com.br. Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha status de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por

- ter mais de mil palavras conhecidas.
- ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- ser consolidado por objetos formais de registro.
- ser utilizado por advogados em situações formais.
- ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

20. (ENEM 2020) “Sou o coração do folclore nordestino

Eu sou Mateus e Bastião do Boi-bumbá

Sou o boneco de Mestre Vitalino

Dançando uma ciranda em Itamaracá

Eu sou um verso de Carlos Pena Filho

Num frevo de Capiba

Ao som da Orquestra Armorial

Sou Capibaribe

Num livro de João Cabral

Sou mamulengo de São Bento do Una

Vindo no baque solto de maracatu

Eu sou um auto de Ariano Suassuna

No meio da Feira de Caruaru

Sou Frei Caneca do Pastoril do Faceta Levando a flor da lira

Pra Nova Jerusalém

Sou Luiz Gonzaga

E sou do mangue também

Eu sou mameluco, sou de Casa Forte Sou de Pernambuco, sou o Leão do Norte”

O fragmento faz parte da canção brasileira contemporânea e celebra a cultura popular nordestina. Nele, o artista exalta as diferentes manifestações culturais pela

a) valorização do teatro, música, artesanato, literatura, dança, personagens históricos e artistas populares, compondo um tecido diversificado e enriquecedor da cultura popular como patrimônio regional e nacional.

b) identificação dos lugares pernambucanos, manifestações culturais, como o bumba meu boi, as cirandas, os bonecos mamulengos e heróis locais, fazendo com que essa canção se apresente como uma referência à cultura popular nordestina.

c) exaltação das raízes populares, como a poesia, a literatura de cordel e o frevo, misturadas ao erudito, como a Orquestra Armorial, compondo um rico tecido cultural, que transforma o popular em erudito.

d) caracterização das festas populares como identidade cultural localizada e como representantes de uma cultura que reflete valores históricos e sociais próprios da população local.

e) apresentação do Pastoril do Faceta, do maracatu, do bumba meu boi e dos autos como representação da musicalidade e do teatro popular religioso, bastante comum ao folclore brasileiro.

21. (ENEM 2016)

PINHÃO sai ao mesmo tempo que BENONA entra. BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Você, que foi noiva dele. Eu, não! BENONA: Isso são coisas passadas.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado de verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

SUASSUNA, A. O santo e a porca. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013 (fragmento).

Nesse texto teatral, o emprego das expressões “o peste” e “cachorro da molest'a” contribui para

- marcar a classe social das personagens.
- caracterizar usos linguísticos de uma região.
- ênfaticamente a relação familiar entre as personagens.
- sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

22. (ENEM 2013)

TEXTO I

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.

CASTRO, S. A carta de Pero Vaz de Caminha. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

TEXTO II



PORTINARI, C. O descobrimento do Brasil. 1956. Óleo sobre tela, 199 x 169 cm Disponível em: www.portinari.org.br. Acesso em: 12 jun. 2013.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que

A a carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.

B a tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.

C a carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.

D as duas produções, embora usem linguagens diferentes — verbal e não verbal —, cumprem a mesma função social e artística.

E a pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.

23. (ENEM 2014)

Quando Deus redimiu da tirania

Da mão do Faraó endurecido

O Povo Hebreu amado, e esclarecido, Páscoa ficou da redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria Àquele Povo foi tão afligido O dia, em que por Deus foi redimido; Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade Nos remiu de tão triste cativo, Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro Deus, que veio estirpar desta cidade O Faraó do povo brasileiro.

DAMASCENO, D. (Org.). Melhores poemas: Gregório de Matos. São Paulo: Globo, 2006.

Com uma elaboração de linguagem e uma visão de mundo que apresentam princípios barrocos, o soneto de Gregório de Matos apresenta temática expressa por

- visão céptica sobre as relações sociais.
- preocupação com a identidade brasileira.
- crítica velada à forma de governo vigente.
- reflexão sobre os dogmas do cristianismo.
- questionamento das práticas pagãs na Bahia.

24. (UERJ/2020)

PESCANDO NA MARGEM DO RIO

Era um homem muito velho, que cada manhã acordava certo de que aquela seria a última. E porque seria a última, pegava o caniço, a latinha de iscas, e ia pescar na beira do rio. As poucas pessoas que ainda se ocupavam dele reclamaram, a princípio. Que aquilo era perigoso, que ficava muito só, que poderia ter um mal súbito. Depois, considerando que um mal súbito seria solução para vários problemas, deixaram que fosse, e logo deixaram de reparar quando ia. O velho entrou, assim, na categoria dos ausentes. Ausente para os outros, continuava docemente presente para si mesmo.

la ao rio com a alma fresca como a manhã. Demorava um pouco a chegar porque seus passos eram lentos, mas, não tendo pressa alguma, o caminho lhe era só prazer. Não havia nada ali que não conhecesse, as pedras, as poças, as árvores, e até o sapo que saltava na poça e as aves que cantavam nos galhos, tudo lhe era familiar. E embora a natureza não se curvasse para cumprimentá-lo, sabia-se bem-vindo.

O dia escorria mais lento que a água. Quando algum peixe tinha a delicadeza de morder o seu anzol, ele o limpava ali mesmo, cuidadoso, e o assava sobre um fogo de gravetos. Quando nenhuma presença esticava a linha do caniço, comia o pão que havia trazido, molhado no rio para não ferir as gengivas desguarnecidas.

À noite, em casa, ninguém lhe perguntava como havia sido o seu dia.

Fazia-se mais fraco, porém.

E chegou a manhã em que, debruçando-se sobre a água antes mesmo de prender a isca na barbeta afiada, viu faiscar um brilho novo. Apertou as pálpebras para ver melhor, não era um peixe. Movido pela correnteza, um anzol bem maior do que o seu agitava-se, sem isca. Por mais que se esforçasse, não conseguiu ver a linha, enxergava cada vez menos. Nem havia qualquer pescador por perto.

O velho não descalçou as sandálias, as pedras da margem eram ásperas.

Entrou na água devagar, evitando escorregar. Não chegou a perceber o frio, o tempo das percepções havia acabado. Alongou-se na água, mordeu o anzol que havia vindo por ele, e deixou-se levar.

O conto constrói um paradoxo, que está formulado em:

- o velho rejuvenesce
- o peixe se torna isca
- o pescador é pescado
- a natureza se artificializa
- o velho tira a própria vida

25. (MACKENZIE SP/2019)

Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; 04 e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos malignos do meu 05 tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um 06 dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher 07 de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, 08 deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, 09 fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por 10 pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudência, um moleque de 11 casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, 12 recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao 13 dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e 14 outro lado, e ele obedecia, - algumas vezes gemendo, - mas obedecia 15 sem dizer palavra, ou quando muito, um - “ai, nhonhô!” - ao que eu 16 retorquia: - “Cala a boca, besta!” - Esconder os chapéus das visitas, 17 deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das 18

cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas 19 façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer 20 que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu 21 pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à 22 vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular davame 23 beijos.

Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas

No trecho Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino (Refs. 01 e 02), podemos identificar uma relação de:

- anacronismo.
- intertextualidade.
- paradoxo.
- personificação.
- negação.

26. (FAMEMA SP/2019) Leia o poema “Namorados” de Manuel Bandeira (1886- 1968).

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

– Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com
[a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

– Você não sabe quando a gente é criança e de repente
[vê uma lagarta listada?

A moça se lembrava:

– A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

– Antônia, você parece uma lagarta listada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

– Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

(Estrela da vida inteira, 2009.)

Verifica-se a ocorrência de personificação no seguinte verso:

- “A moça olhou de lado e esperou.”
- “A meninice brincou de novo nos olhos dela.”
- “– Antônia, você é engraçada! Você parece louca.”
- “A moça arregalou os olhos, fez exclamações.”
- “– Antônia, você parece uma lagarta listada.”

27. (IFPE/2017)



Disponível em: < https://www.flickr.com/photos/jjunior_propaganda/4575713749/>. Acesso: 19 jun. 2017.

A Brastemp é uma empresa que atua na fabricação de eletrodomésticos, tais como: geladeiras, fogões, máquinas de lavar roupa etc. Os anúncios publicitários da empresa sempre buscam convencer os consumidores de que para um produto ser de boa qualidade, ser confiável e ter durabilidade precisa ser “uma Brastemp”. Essa estratégia de marketing é construída discursivamente por meio de uma figura de linguagem conhecida como

- eufemismo.
- hipérbato.
- metonímia.
- prosopopeia.
- catacrese.

28. (IBMEC SP INSPER/2014)

Sempre desconfiei

Sempre desconfiei de narrativas de sonhos. Se já nos é difícil recordar o que vimos despertos e de olhos bem abertos, imagine-se o que não será das coisas que vimos dormindo e de olhos fechados... Com esse pouco que nos resta, fazemos reconstituições suspeitamente lógicas e pomos enredo, sem querer, nas ocasionais variações de um calidoscópio. Me lembro de que, quando menino, minha gente acusava-me de inventar os sonhos.

O que me deixava indignado.

Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão.

Por outro lado, o que mais espantoso há nos sonhos é que não nos espantamos de nada. Sonhas, por exemplo, que estás a conversar com o tio Juca. De repente, te lembras de que ele já morreu. E daí? A conversa continua.

Com toda a naturalidade.

Já imaginaste que bom se pudesses manter essa imperturbável serenidade na vida propriamente dita?

(Mario Quintana, A vaca e o hipogrifo. São Paulo: Globo, 1995)

Em “Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão”, o autor recorre a uma figura de construção, que está corretamente explicada em

- silepse, por haver uma concordância verbal ideológica.
- elipse, por haver a omissão do objeto direto.
- anacoluto, por haver uma ruptura na estrutura sintática da frase.
- pleonasma, por haver uma redundância proposital em “ambas as partes”.
- hipérbato, por haver uma inversão da ordem natural e direta dos termos da oração.

29. (FAC. BAIANA DE DIREITO BA/2018)



PROIBIDO comércio ambulante de camelô...

Às vezes, observam-se desvios na construção normal de uma expressão ou frase com a finalidade estilística de realçar ideias, dando-lhes maior expressividade.

Na placa em destaque, aparece uma dessas interferências na estrutura gramatical da mensagem transmitida, que se identifica como

- zeugma, por haver a omissão de um termo já mencionado anteriormente, com o propósito de evitar repetição.
- silepse de gênero, devido à concordância existente no comunicado ser ideológica e não com a palavra expressa.
- pleonasma, por evidenciar uma redundância com o objetivo de enfatizar a informação, reforçando-lhe o sentido.
- anástrofe, graças à presença de inversão de vocábulos no mesmo sintagma nominal, provocando uma alteração na ordem natural da sentença.
- anacoluto, por meio da interrupção da sequência lógica do pensamento, configurando-se, assim, uma quebra na elaboração sintática do enunciado.

30. (FPS PE/2019)

“O certo é falar assim porque se escreve assim”.

Diante de uma placa escrita TEATRO, é provável que um pernambucano, lendo em voz alta, diga TÊ-atru, que um carioca diga TCHI-atru, que um paulistano diga TÊ-atru. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda comunidade linguística do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo.

Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”. Como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. (Imagine se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar a professora a “corrigir” quem fala muleque, bêju, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação tão natural e inevitável na vida das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo!

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial”, e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado da história social e cultural das pessoas que falam a língua em cada canto do Brasil. Seria mais justo e democrático explicar ao aluno que ele pode dizer “bulacha” ou “bolacha”, mas que só pode escrever BOLACHA, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito.

Marcos Bagno. Preconceito linguístico. São Paulo: Parábola, 2015. p. 79-80.

Observe o seguinte trecho: “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua artificial”.

O entendimento coeso e coerente do que está afirmado nesse trecho depende, sobretudo, da identificação:

- do complemento sintático-semântico do verbo 'escrever'.
- da distinção entre pronome pessoal e pronome indefinido.
- do sentido da expressão "é claro", embora seja uma expressão corriqueira.
- da função coesiva desempenhada pela expressão 'de acordo com'.
- do que está anteriormente referido pelo pronome 'isso'.

31. (UNIRG TO/2020)

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato.
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

A coesão é o processo que "costura" as palavras de um texto, conferindo-lhe unidade. Nesse sentido, na penúltima estrofe do poema de Bandeira, o processo coesivo responsável pela ligação dos dois últimos versos ao primeiro é a

- retomada do advérbio "não", que confere paralelismo aos três versos da estrofe.
- referência aos bichos, que expressa a unidade temática da estrofe em questão.
- a metáfora quando o autor transforma "homem" em "Deus".
- repetição da forma verbal "era", que mantém a unidade de tempo e modo verbais ao conjunto de versos.
- elipse da palavra "bicho", explícita no primeiro verso e subentendida nos dois seguintes.

32. (UNIEVANGÉLICA GO/2016)

Paralimpíada alcança marca de 1,5 milhão de ingressos vendidos Às vésperas da cerimônia de abertura, Comitê Organizador acredita que todos os bilhetes serão comercializados. Ainda há cerca de 1 milhão de entradas disponíveis.

Disponível em: <www.globoesporte.com>. Acesso em: 05 set. 2016.

O texto focaliza o tema a venda de ingressos para os jogos paralímpicos. O objeto de discurso usado para fazer referência ao tema se repete nos três períodos (no título e nos dois períodos seguintes).

Para evitar a repetição de um mesmo termo, adota-se no texto a seguinte estratégia de coesão referencial:

- substituição pronominal

- elipse pronominal
- substituição lexical
- elipse verbal
- zeugma

33. (EBMSP MEDICINA 2017)



O que temos de mais humano são as emoções, os valores, os sentimentos. A evolução tecnológica e os diagnósticos mais precisos são ferramentas importantes para os médicos, mas o fundamental é algo imaterial, capaz de fazer tudo ficar melhor. O médico é, antes de tudo, um especialista em pessoas, por isso a compreensão, o toque e o olhar entre ele e o paciente são essenciais para uma relação mais humanitária e uma medicina mais eficiente.

NADA SUBSTITUI o olhar, o toque, a conversa. O calor humano também cura. Disponível em: <http://www.cremesp.org.br>. Acesso em: fev. 2017.

Adaptado.

A análise dos aspectos coesivos que dão progressão e sentido às ideias desenvolvidas no texto está correta em

- O elemento de coesão textual "O", em "O que temos de mais humano", é um pronome que faz uma referência anafórica, especificando os substantivos "valores" e "sentimentos".
- O vocábulo "mais", no texto da campanha, em todas as ocorrências, é um advérbio que intensifica a ideia expressa por termos qualificadores.
- A preposição "para", em "para os médicos", denota uma finalidade em relação à prática de humanização da medicina.
- A conjunção "mas", em "mas o fundamental é algo imaterial", adiciona nova informação às enunciadas anteriormente.
- A expressão "por isso" apresenta a consequência resultante de uma afirmação apresentada na oração anterior.

34. (ENEM/2012)

Não há crenças que Nelson Leirner não destrua. Do dinheiro à religião, do esporte à fé na arte, nada resiste ao deboche desse iconoclasta. O principal mérito da retrospectiva aberta em setembro na Galeria do SESI-SP é justamente demonstrar que as provocações arquitetadas

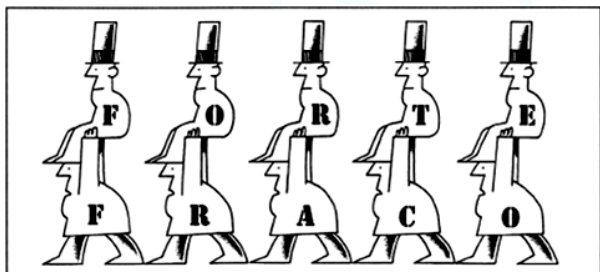
durante as últimas cinco décadas pelo artista quase octogenário continuam vigorosas.

Bravo, n. 170, out. 2011 (adaptado).

Um dos elementos importantes na constituição do texto é o desenvolvimento do tema por meio, por exemplo, do encadeamento de palavras em seu interior. A clareza do tema garante ao autor que seus objetivos — narrar, descrever, informar, argumentar, opinar — sejam atingidos. No parágrafo do artigo informativo, os termos em negrito

- evitam a repetição de termos por meio do emprego de sinônimos.
- fazem referências a outros artistas que trabalham com Nelson Leirner.
- estabelecem relação entre traços da personalidade do artista e suas obras.
- garantem a progressão temática do texto pelo uso de formas nominiais diferentes.
- introduzem elementos novos, que marcam mudança na direção argumentativa do texto.

35. (ETEC SP/2019)



Disponível em: <https://tinyurl.com/ybb8tnqp>. Acesso em 12.10.18

O cartum de Caulos, famoso desenhista e artista plástico brasileiro, apresenta uma colaboração entre a linguagem textual e imagética. A ferramenta utilizada pelo autor para passar sua mensagem ao leitor, em ambas as linguagens, é uma relação lexical estudada na Semântica.

Assinale a alternativa que contém a relação lexical presente no cartum.

- hiperonímia, pois há uma relação hierárquica de significados de imagem e palavras.
- paronímia, pois há alteração de sentido as palavras que são parecidas na pronúncia e escrita.
- antonímia, pois a relação que se estabelece entre imagem e palavras apresenta sentidos opostos.
- ambiguidade, pois há inadequação, causando uma duplicidade de sentido somente entre as palavras.
- homonímia, pois as palavras apresentam a mesma estrutura fonológica, mas com significados distintos.

Anotações

36. (IFPE/2016)



Disponível em: http://leiapublicidade.com/blog/wp-content/uploads/2012/10/06MAO_900.jpg. Acesso em: 25 set. 2015.

O humor no anúncio publicitário (texto) foi conferido, sobretudo,

- pela ambiguidade, pois a expressão “uma mão na frente e outra atrás” pode admitir mais uma interpretação.
- pela antonímia, ou seja, pela aproximação de sentidos provocada pelo uso das palavras “frente” e “trás”.
- pela oposição entre a religiosidade da família e o olhar sarcástico do ator que aparece no anúncio.
- pela provocação, tendo em vista que, após ler o anúncio, o consumidor passa a sentir-se propenso a adquirir a apólice de seguro.
- pela ironia, uma vez que debocha daqueles que não podem adquirir um seguro de vida.

37. (USF SP/2015) Veja a charge a seguir.



MARIOSAN. FONTE: chargeonline.com.br. Acesso em: 01/05/2015, às 16h (fins pedagógicos).

O efeito de sentido da charge é obtido pela combinação de linguagem verbal e não verbal. No contexto da ilustração, essa combinação recorre à

- a) ironia, por atribuir um novo significado ao dia 1.º de maio.
- b) ambiguidade, por lançar dúvida ao leitor sobre a mensagem da charge.
- c) polissemia, por explorar múltiplos sentidos da expressão “rede social”.
- d) hiperonímia, por oposição entre mundo real e virtual.
- e) antonímia, por comparar diversos tipos de rede.

38. (UFTM MG/2013)



(Gazeta do Povo, 06.11.2012.)

Na charge, para efeito de humor, faz-se um jogo de palavras

- a) parônimas, com isso a personagem reclama do assento da poltrona na qual está sentada.
- b) homônimas, porém a personagem erra ao afirmar que a forma verbal não leva acento.
- c) sinônimas, e a personagem está de fato dizendo que a grafia correta é doi e não dói.
- d) ambíguas, pois é difícil saber se a personagem reclama da poltrona e da escrita ou as enaltece.
- e) antônimas, pois cada uma das grafias (assento/acento) remete a um sentido da oposição dói/doi.

39. (UECE/2016) 1 O meu amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade é autor do conto “Quando minha avó morreu”. Sei por ele que é uma história autobiográfica. Aí Rodrigo confessa ter passado, 5 aos 11 anos, por fase da vida em que se sentia profundamente corrupto. Violava as promessas feitas de noite a Nossa Senhora; mentia desabridamente; faltava às aulas para tomar banho no rio e pescar na Barroca com 10 companheiros vadios; furtava pratinhas de dois 11 mil-réis... Ai! de mim que mais cedo que o 12 amigo também abracei a senda do crime e enveredei pela do furto... Amante das artes plásticas desde cedo, educado no culto do belo, eu não pude me conter. Eram duas coleções de postais pertencentes a minha prima Maria Luísa Palleta. Numa, toda a vida de Paulo e Virgínia – do idílio infantil ao navio desmantelado na procela. Pobre Virgínia, dos cabelos esvoaçantes! Noutra, a de Joana d’Arc, desde os tempos de pastora e das vozes ao da morte. Pobre Joana dos cabelos em chama! Não resisti. Furtei, escondi e depois de longos êxtases, medo, joguei tudo fora. Terceiro roubo, terceira coleção de postais – a que um carcamano, chamado Adriano Merlo, escrevia a uma de minhas tias. Os cartões eram fabulosos. Novas contemplações solitárias e piquei tudo de latrina abaixo. Mas o mais grave foi o roubo de uma nota de cinco mil-réis, do patrimônio da própria

Inhá Luísa. De posse dessa fortuna nababesca, comprei um livro e uma lâmpada elétrica de tamanho desmedido. Fui para o parque Halfeld com o butim de minha pirataria. Joguei o troco num bueiro. Como ainda não soubesse ler, rasguei o livro e atirei seus restos em um tanque. A lâmpada, enorme, esfregada, não fez aparecer nenhum gênio. Fui me desfazer de mais esse cadáver na escada da Igreja de São Sebastião. Lá a estourei, tendo a impressão de ouvir os trovões e o morro do Imperador desabando nas minhas costas. Depois dessa série de atos gratuitos e delitos inúteis, voltei para casa. Raskólnikov. O mais estranho é que houve crime, e não castigo. Crime perfeito. Ninguém desconfiou. Minha avó não deu por falta de sua cédula. Eu fiquei por conta das Fúrias de um remorso, que me perseguiu toda a infância, veio comigo pela vida afora, com a terrível impressão de que eu poderia reincidir porque vocês sabem, cesteiro que faz um cesto... Só me tranquilizei anos depois, já médico, quando li num livro de Psicologia que só se deve considerar roubo o que a criança faz com proveito e dolo. O furto inútil é fisiológico e psicologicamente normal. Graças a Deus! Fiquei absolvido do meu ato gratuito...

(Pedro Nava. Baú de ossos. Memórias 1. p. 308 a 310.)

Sinônimo é um vocábulo que, em determinado texto, apresenta significado semelhante ao de outro e que pode, em alguns contextos, ser usado no lugar desse outro sem alterar o sentido da sentença. Hiperônimo é um vocábulo ou um sintagma de sentido mais genérico em relação a outro. Ele abarca vocábulos de sentidos menos genéricos ou mais específicos. Hipônimo é um vocábulo menos geral ou mais específico, cujo sentido é abarcado pelo sentido do hiperônimo. Considere a ordem em que foram distribuídos os vocábulos do excerto transcrito a seguir e assinale a opção correta: “abracei a senda do crime e enveredei pela do furto...” (Refs. 12- 13).

- a) Os vocábulos roubo e furto são sinônimos e um pode substituir o outro, indistintamente, em qualquer contexto.
- b) Crime é hiperônimo de furto. Isso significa que o sentido do vocábulo crime é mais genérico do que o sentido do vocábulo furto.
- c) Nesse contexto, a inversão da posição dos vocábulos crime e furto seria aceitável: “abracei a senda do furto e enveredei pela do crime”.
- d) Sendo vereda um caminho estreito e enveredar, seguir por uma vereda, seria lógico dizer “abracei a vereda do crime e enveredei pelo caminho do furto”.
- e) Cédula é sinônimo de moedas. Isso quer dizer que ambos significam “dinheiro”.

40. (UNIMONTES MG/2008)

Lembrança e esquecimento

DULCE CRITELLI

“Como é antigo o passado recente!” Gostaria que a frase fosse minha, mas ela é de Nelson Rodrigues numa crônica de “A Menina sem Estrela”.

Também fico perplexa com esse fenômeno rápido e turbulento que é o tempo da vida. Não são poucas as vezes em que me volto para algum acontecimento acreditando

que ele ainda é atual e descubro que ele faz parte do passado para outros.

Um exemplo é quando, em sala de aula, refiro-me a eventos que se passaram nos anos 70 e meus alunos me olham como se eu falasse da Idade Média... E eu nem contei para eles que andei de bonde!

A distância entre nós não é apenas uma questão de gerações. Eles nasceram em um mundo já transformado pela tecnologia e pela informática. Uma transformação que começou nos anos 50 e que não nos trouxe somente mais eletrodomésticos e aparelhos digitais. Ela instalou uma transformação radical do nosso modo de vida.

Mudou o mundo e mudou o jeito de viver. Mudou o jeito de namorar, de vestir, de procurar emprego, de andar na rua e de se locomover pela cidade.

Mudou o corpo. Mudou o jeito de escrever, de estudar, de morar e de se divertir. Mudou o valor da vida, do dinheiro e das pessoas...

Outros tempos. E, quando um jeito de viver muda, ele não tem volta. Não se pode ter a experiência dele nunca mais. Por isso, meus alunos e eu só podemos compartilhar o tempo atual. Não podemos compartilhar um tempo que, para eles, é passado, mas, para mim, ainda é presente.

Os fatos de 30 anos atrás não são passado na minha vida. Para mim, meu passado não passou e minha história não envelhece. Minha memória pode alcançar os acontecimentos que vivi a qualquer momento, e posso revivê-los como se ocorressem agora. Mas, se eu os narrar, quem me ouve não pode, como eu, vivenciá-los. Por isso, para meus alunos, são contos o que para mim é vida.

Mas é assim que corre o rio da vida dos homens, transformando em palavras o que hoje é ação. Se não forem narrados, os acontecimentos e os nossos feitos passam sem deixar rastros.

Faladas ou escritas, são as palavras que salvam o já vivido e o conservam entre nós. Salvam os feitos e os acontecimentos da sua total desintegração no esquecimento.

A memória do já vivido e a sua narração numa história é o que possibilita a construção da História e das nossas histórias pessoais. Só os feitos e os acontecimentos narrados em histórias são capazes de salvaguardar nossa existência e nossa identidade.

Só conservados pela lembrança é que os feitos e os acontecimentos podem entrar no tempo e fazer parte de um passado. Recente ou antigo.

Folha de São Paulo – 20/3/08

No 5º e 6º parágrafos do texto, a autora utiliza o recurso coesivo da retomada por repetição de palavra lexical. O objetivo dela foi

- tornar o texto propositadamente prolixo.
- evitar, com o uso da repetição, a ambigüidade na interpretação dos enunciados desses parágrafos.
- provocar um efeito de sentido de gradação numa escala de valores dos elementos citados.
- criar um efeito de sentido de intensificação.
- dar ao texto um tom de oralidade.

41. (IFMA/2016)

Time pega Flamengo sem cinco titulares

da Reportagem Local

O São Paulo não terá cinco titulares contra o Flamengo, amanhã, no Morumbi. Axel, Pedro Luís, Djair e Belletti, suspensos, e Aristizábal, na seleção colombiana.

"Temos bons reservas, mas o time sentirá falta de entrosamento", disse o técnico Parreira, que ainda não definiu os substitutos.

[FSP, 1.10.1996]

Ao ler o título do texto, pode se dizer que:

- ocorre polissemia já que a palavra 'titulares' (no título do texto) assume vários significados.
- no título do texto ocorre um caso claro de variação regional.
- ocorre antonímia entre os termos 'time' e 'Flamengo' (no título do texto).
- há um caso de ambigüidade no título do texto, pois é feita a afirmação que o Flamengo jogará sem cinco titulares.
- ocorre ambigüidade no título do texto uma vez que não fica claro qual dos times jogará sem cinco titulares.

Funções da linguagem

1. (G1 - IFSP) Sobre funções da linguagem, correlacione as colunas.

Coluna 1

- Metalinguagem.
- Função Referencial.
- Função Conativa.
- Função Expressiva.

Coluna 2

() COMPRE BATON.
COMPRE BATON.
COMPRE BATON.





Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

- a) 2 - 1 - 3 - 4
- b) 4 - 1 - 3 - 2
- c) 3 - 1 - 4 - 2
- d) 3 - 2 - 4 - 1
- e) 2 - 4 - 1 - 3

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto que segue servirá para a(s) questão(ões) abaixo.

A análise sintática tem sido causa de crônicas e incômodas enxaquecas nos alunos de ensino médio. É que muitos professores, por tradição ou por comodismo, a têm transformado no próprio conteúdo do aprendizado da língua, como se aprender português fosse exclusivamente aprender análise sintática. O que deveria ser um instrumento de trabalho, um meio eficaz de aprendizagem, passou a ser um fim em si mesmo. Ora, ninguém estuda a língua só para saber o nome, quase sempre rebarbativo, de todos os componentes da frase.

Vários autores e mestres têm condenado até mesmo com veemência o abuso no ensino da análise sintática. Não obstante, o assunto continua a ser, salvo as costumeiras exceções, o “prato de substância” da cadeira de português no ensino fundamental. Apesar disso, ao chegar ao fim do curso, o estudante, em geral, continua a não saber escrever, mesmo que seja capaz de destrinchar qualquer estrofe camoniana ou qualquer período barroco de Vieira, nomenclaturando devidamente todos os seus termos. Então, “pra que análise sintática?” – perguntam aflitos alunos e mestres por esse Brasil afora.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 31.

2. (G1 - IFAL) Com relação aos elementos da comunicação e às funções da linguagem, marque a alternativa que expressa uma afirmação verdadeira.

- a) Há uma incidência da função conativa da linguagem, pois o objeto da comunicação é a reflexão sobre a própria linguagem.
- b) Pode-se notar uma preocupação com o arranjo da linguagem, fenômeno que caracteriza a presença da função poética.
- c) O foco recai sobre o emissor da mensagem, para quem a atenção do interlocutor se volta, objetivando estabelecer um diálogo.
- d) Fica evidente a preocupação em discutir o código linguístico, o que revela a predominância da função metalinguística.
- e) Focaliza-se o destinatário da mensagem, a quem se quer explicar um problema; por isso, predomina a função apelativa da linguagem.

3. (G1 - IFSP) Observe o texto adaptado abaixo.

Zika vírus: saiba mais sobre transmissão, sintomas e tratamento

Vírus da mesma família da dengue foi identificado no Brasil pela 1ª vez. Zika é da mesma família que dengue, mas muito menos agressivo.

De G1, em São Paulo



Aedes aegypti, que transmite dengue e chikungunya, também pode transmitir o zika vírus (Foto: CDC-GATHANY/PHANIE/AFP)

O zika vírus foi identificado no Brasil pela primeira vez no final de abril por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pertencente à mesma família dos vírus da dengue e da febre amarela, o zika é endêmico de alguns países da África e do sudeste da Ásia. Veja perguntas e respostas sobre a doença:

Como ocorre a transmissão?

Assim como os vírus da dengue e do chikungunya, o zika também é transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*. A prevenção, portanto, segue as mesmas regras aplicadas a essas doenças. Evitar a água parada, que os mosquitos usam para se reproduzir, é a principal medida.

Quais são os sintomas?

Os principais sintomas da doença provocada pelo zika vírus são febre intermitente, erupções na pele, coceira e dor muscular. Segundo a infectologista Rosana Richtmann, a boa notícia é que o zika vírus é muito menos agressivo que

o vírus da dengue: não há registro de mortes relacionadas à doença. A evolução é benigna e os sintomas geralmente desaparecem espontaneamente em um período de até dias.

Como é o tratamento?

Não há vacina nem tratamento específico para a doença. Segundo informações do Ministério da Saúde, os casos devem ser tratados com o uso de paracetamol ou dipirona para controle da febre e da dor. Assim como na dengue, o uso de ácido acetilsalicílico (aspirina) deve ser evitado por causa do risco aumentado de hemorragias.

É correto afirmar que, no que tange às funções da linguagem, o texto acima é um exemplo de Função

- Referencial ou Denotativa.
- Expressiva ou Emotiva.
- Apelativa ou Conativa.
- Fática.
- Metalinguística.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Considere o texto para responder à(s) questão(ões):

Tintim

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz.

Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas.

Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora – isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura. Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopaico que evoca o tinido das moedas.

Originalmente, portanto, “tintim por tintim” indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tiniam, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso

salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins). Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. “Triz”, diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para “triz”. Substantivo feminino. Popular. “Icterícia.” Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto. O Universo já tem problemas demais.

(VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)

4. (G1 - IFSP) Levando em consideração o texto “Tintim”, de Luis Fernando Veríssimo, e o conceito de funções da linguagem, marque (V) para verdadeiro ou (F) para falso e assinale a alternativa correta.

- “Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo?”. A função da linguagem predominante no trecho é a emotiva.
- “Originalmente, portanto, ‘tintim por tintim’ indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda”. A função da linguagem predominante no trecho é a referencial.
- “Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.” A função da linguagem predominante no trecho é a expressiva.
- “Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz”. A função da linguagem predominante no trecho é a fática.

- F, V, V, V.
- V, V, F, F.
- F, V, F, F.
- V, V, F, V.
- V, F, F, V.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Literatura Indígena

Ainda não há consenso sobre o uso da expressão Literatura Indígena. Afinal, sob o conceito de “indígena” reconhecem-se, atualmente, segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 305 grupos étnicos, com culturas e histórias próprias, falando 274 línguas. Portanto, encontrar uma denominação de referência geral não é muito simples. Outras expressões, embora menos usadas, vêm se apresentando na tentativa de caracterizar esse campo de interesse, como Literatura Nativa, Literatura das Origens, Literatura Ameríndia e Literatura Indígena de Tradição Oral. Próxima a ¹essas, mas já com significado e alcance próprio, ainda contamos com Literatura Indianista, para se referir à produção do Romantismo brasileiro do século XIX de ²temática indígena, como os versos de *Primeiros Cantos* (1846) e de *Os Timbiras* (1857), de Gonçalves Dias, e os romances *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar. Diante desse quadro, quando usamos, hoje, a expressão

Literatura Indígena, uma questão, necessariamente, ainda se apresenta: quais objetos ³ela incorpora ou para quais aponta ou tem apontado?

Em perspectiva ampla, diríamos que essa produção cultural ⁴assinala ⁵textos criativos em geral (orais ou escritos) produzidos pelos diversos grupos indígenas, ⁶editados ou não, incluindo ⁷aqueles que não se apresentam, em um primeiro momento, como ⁸constituídos a partir de um desejo ⁹especificamente estético-literário intencional, como as narrativas, os grafismos e os cantos em contextos próprios, ritualísticos e ¹⁰cerimoniais. Parte dessa produção ganha visibilidade com os registros realizados por antropólogos e pesquisadores em geral. Outra ¹¹parte surge por meio de levantamentos realizados por professores atuantes em cursos de licenciatura indígena e dos próprios alunos desses cursos, oriundos de várias etnias. Estima-se que 1564 professores indígenas estavam em formação no ano de 2010, em cursos financiados pelo Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas (PROLIND), do Ministério da Educação.

Em perspectiva ¹²restrita, a expressão Literatura Indígena tem sido utilizada para designar ¹³aqueles textos editados e reconhecidos pelo chamado sistema literário (autores, público, ¹⁴críticos, mercado editorial, escolas, programas governamentais, legislação), como sendo de autoria indígena. Um marco importante se dá em 1980, ano de publicação do considerado ¹⁵primeiro livro de autoria indígena com tais características, intitulado *Antes o Mundo não Existia*, de Umúsin Panlõn & Tolamãñ Kenhíri, pertencentes ao povo Desãna, do Alto Rio Negro/AM. A partir das licenciaturas indígenas, ¹⁶assistimos, na década de 1990, ao incremento dessa produção editorial.

Carlos Augusto Novais. *Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG / Faculdade de Educação / Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - CEALE*. Acessado em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-indigena>, 14/03/2016.

5. (G1 - IFCE) Sobre as funções da linguagem, é **correto** afirmar-se que

- no texto predomina a função fática, por dar ênfase à literatura nacional, por reverenciar enfaticamente o movimento literário Indianista.
- no texto predomina a função referencial, por expor fatos e dados e por colocar em evidência o referente, ou seja, a mensagem à qual se refere, que é a definição de literatura indígena.
- no texto predomina a função poética, por relatar períodos literários nacionais, em especial, o Indianismo, que foi um movimento literário expressivo tanto na prosa quanto na poesia.
- no texto predomina a função metalinguística, pois explica a literatura utilizando-se dela própria, sendo característico desta função utilizar o código para se referir a ele próprio.
- no texto predomina a função conativa, por ser pungente a tentativa de persuadir o leitor a ler mais obras da literatura indígena nacional.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Depois de maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois, a

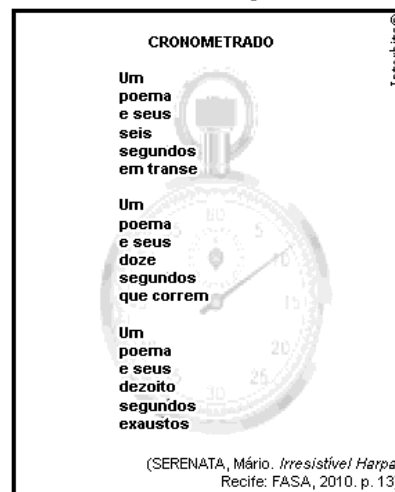
capitulação, em seguida, a chegada dos alemães, e foi então que começaram os sofrimentos dos judeus. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas: os judeus deveriam usar uma estrela amarela; os judeus eram proibidos de andar nos bondes; os judeus eram proibidos de andar de carro, mesmo em seus próprios carros; os judeus deveriam fazer suas compras entre três e cinco horas da tarde; os judeus só deveriam frequentar barbearias e salões de beleza de proprietários judeus; os judeus eram proibidos de sair às ruas entre oito da noite e seis da manhã; os judeus eram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou qualquer outra forma de diversão; os judeus eram proibidos de ir a piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei ou qualquer outro campo esportivo; os judeus eram proibidos de ficar em seus jardins ou nos de amigos depois das oito da noite; os judeus eram proibidos de visitar casas de cristãos; os judeus deveriam frequentar escolas judias etc. Você não podia fazer nem isso nem aquilo, mas a vida continuava.

(O diário de Anne Frank. Trad. Alves Calado. 50. ed. Rio: São Paulo: Record, 2015, p. 18)

6. (G1 - IFAL) No trecho extraído do livro *O diário de Anne Frank*, quanto aos elementos da comunicação e às funções da linguagem, é certo afirmar que:

- ainda que seja um trecho de um diário, não se pode ver nesse excerto a centralidade no emissor nem, por conseguinte, a manifestação da função emotiva da linguagem.
- como está explicando eventos que fazem parte da narrativa, o recorte acima se faz com predominância da função metalinguística, que está adequada às necessidades discursivas do enunciado.
- no excerto, nota-se um cuidado especial com o emissor, o que gera a proeminência da função poética da linguagem, uma vez que o texto é literário.
- a função poética da linguagem, que predomina nesse texto, decorre da centralidade do código, para o qual se chama a atenção.
- o assunto é o elemento mais importante dessa mensagem, razão por que se manifesta ao longo dela a função fática da linguagem, como se espera de um texto que se faz seguindo os padrões do gênero discursivo diário.

7. (G1 - IFAL) Assinale a única alternativa incorreta sobre o que se pode afirmar da leitura do poema de Mário Serenata.



(SERENATA, Mário. *Irresistível Harpa*. Recife: FASA, 2010. p. 13)

- a) Os dezoito segundos, descritos na terceira estrofe, sugerem o tempo total que o poema levou para ser construído, e essa é uma das relações estabelecidas com o título, que significa “*tempo medido*”.
- b) A exatidão cantada na última estrofe corresponde não só ao fim do poema, como ao cansaço do próprio poeta, pois a construção de cada verso consome-lhe um segundo de êxtase e abstração.
- c) A oração adjetiva “*que correm*”, na segunda estrofe, insinua-nos que o tempo passa muito rápido com relação à fluidez das ideias, que só acometem o poeta num estado de transe, de lentidão do pensamento.
- d) A cronometragem e a repetição dos versos “*Um poema e seus [...] segundos*”, em cada uma das estrofes do poema, indica-nos que dar corpo à poesia é, para o poeta, algo difícil e inquietante.
- e) As funções da linguagem que se destacam neste poema são a poética e a referencial, em que se podem perceber os sentimentos e as emoções do eu lírico.

8. (ENEM) eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar

no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência prum local mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... e minha família veio parar em Mossoró que era exatamente o local mais perto onde tinha vaga pra funcionário do Banco do Brasil e:: ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível... né... como vieram a se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados...

CUNHA, M. A. F. (Org.) . Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EdUFRN, 1998

Na transcrição de fala, há um breve relato de experiência pessoal, no qual se observa a frequente repetição de “né”. Essa repetição é um(a)

- a) índice de baixa escolaridade do falante.
b) estratégia típica de manutenção da interação oral.
c) marca de conexão lógica entre conteúdos na fala.
d) manifestação característica da fala regional nordestina.
e) recurso enfatizador da informação mais relevante da narrativa.

Anotações